

Mais*

PRIMEIROS PACIENTES COMEÇARAM A SER LEVADOS ONTEM PARA NOVA UNIDADE EM CAJAZEIRAS

Adeus, Monte Serrat

Saúde Após 165 anos de história, Hospital Couto Maia deixa a Cidade Baixa

Gil Santos e Fernanda Lima*

REPORTAGEM
redacao@correio24horas.com.br

Tão logo atracavam no porto de Salvador, os doentes de febre amarela eram encaminhados dos navios mercantes, às pressas, para o Hospício dos Bentos em Monte Serrat, em 1852. Os mais graves seguiam para a parte mais elevada do bairro, onde eram tratados à base de plantas medicinais, chás, sabedorias indígenas em pequenos casebres de um sítio. Lá, soprava vento o forte que deveria arastar para longe a febre.

Quando os pequenos casebres viram hospital, em 1853, o Hospício dos Bentos muda de nome e vira Hospital de Isolamento Monte Serrat. Assim são os primeiros anos do hoje chamado Hospital Couto Maia, construído há 165 anos para receber pessoas com doenças infecciosas, como a febre amarela. A mesma função foi exercida até a última semana, quando uma nova sede para a unidade foi construída em Cajazeiras.

Ontem, os pacientes começaram a ser transferidos para o agora Instituto Couto Maia, inaugurado na última sexta-feira (6). Os primeiros começaram a deixar a antiga estrutura por volta das 8h. Eles foram acompanhados por duas equipes médicas e levados em ambulâncias ao novo prédio.

“Uma equipe faz a regulação no antigo hospital e o paciente é transferido através de ambulância até a nova unidade, onde já tem uma equipe médica esperando por ele. Assim que chega, ele é encaminhado para o leito. É uma operação rápida, apesar de termos que redobrar os cuidados por conta da saúde dos pacientes”, disse a diretora

da unidade, Ceuci Nunes.

No total, 67 pessoas serão transferidas. As primeiras 17 foram levadas ontem. A estimativa da direção do hospital é de que até amanhã todas estejam acomodadas na nova unidade. Já o antigo hospital será adaptado para atender apenas pacientes com doenças crônicas.

OBRA FARAÔNICA

O vai e vêm de ambulâncias na Rua Rio São Francisco, a mais movimentada no bairro de Monte Serrat, chamava a atenção ontem de manhã. Mas, quando foi construído o hospital, o lugar era quase desabitado.

“O prédio atual, como conhecemos hoje, começou a ser construído em 1917. Foram cinco pavilhões construídos no Alto de Monte Serrat. Imagine, toda essa grandiosidade, naquela época... foi uma obra faraônica”, conta a historiadora e funcionária da unidade há 29 anos, Maria de Fátima Lorenzo.

Foram pensadas acomodações ventiladas, espaçosas, novamente pela crença no poder do ar. Já no novo endereço, os primeiros pacientes de varíola, em 1919, e de febre tifoide, em 1924, começavam a recorrer ao hospital. Enquanto isso, começa a prevalecer uma mesma opinião.

“É um lugar onde a pessoa, claro, não queria estar. Mesmo com a mudança das doenças, se ouvia o comentário: ‘Ih, tá no Couto Maia...’”. O hospital, parece, se tornar uma fronteira entre vida e morte”, comenta o historiador Jaime Nascimento.

O médico e professor Couto Maia começa, então, a ocupar papel central na história do hospital. Sobre ao posto em 1912, onde ficou até março de 1936. “Couto Maia se torna a figura da luta pelo conhecimento, a luta pela melhoria



A unidade médica foi construída no final do século XIX, mas em 1936 passou a homenagear o antigo diretor

na unidade”, diz Lorenzo.

Muitos anos depois, o prédio ainda causaria espanto – e haveria quem se lembrasse dele não como um lugar tão ruim assim. Em outubro de 1962, um garoto de 12 anos mudou para o bairro de Monte Serrat. Depois de passar horas tendo que suportar os solavancos dentro do ônibus de Conceição do Jacupe, no Centro-Norte, até Salvador, o menino finalmente chegou

ao bairro em que moraria.

Hoje, o rodoviário aposentado Antônio Rosa, 69 anos, lembra com saudade daquela época. O Couto Maia já era uma referência em atendimento e um hospital movimentado. A fachada imponente do prédio impressionou o garoto do interior.

“Naquela época tinha poucas casas na região e o hospital era a principal referência por aqui, não tinha como não

ver. O prédio era muito bonito e movimentado. Vinha gente de tudo quanto era lugar para fazer tratamento. O bairro cresceu e se tornou o que é graças a ele”, lembra.

GANHOS

Apesar de a mudança afetar a relação afetiva dos moradores mais antigos com o hospital, quem tem familiares internados na unidade conta as horas para a transferência. A co-

Alerta MPF aciona 63 cidades baianas com baixa cobertura vacinal contra a poliomielite

PÁG. 14

Brasil Procuradoria diz que apenas o STJ pode julgar pedido de liberdade de Lula

PÁGS. 16 E 17



Prédio do Couto Maia tem 165 anos e não é tombado



Médico Augusto de Couto Maia foi diretor até 1936



Durante a construção, local era quase desabitado

mercante Maridalva Pires, 43, era só sorrisos.

Ela está acompanhando o filho, Lourivan Santos, 26, que está internado com tuberculose. O jovem deu entrada na unidade em maio e ainda não tem previsão de alta médica. A mulher contou que a família é natural de Dias D'Ávila, na RMS, e que está contente com a mudança.

"O atendimento é excelente, não tenho do que reclamar, mas o hospital tem algumas limitações, pela estrutura mesmo, sabe? Ainda não estive no novo hospital, mas vi as imagens e as médicas me contaram que ele é maior e mais equipado. Estou feliz com a mudança porque vai ajudar meu filho a se recuperar mais rápido", diz.

A transferência de Lourivan está agendada para amanhã, e ele vai chegar inaugurando também os equipamentos. É que o jovem tem uma tomografia para fazer já na nova unidade.

PERDAS

Um guardador de carros, que não quis ser identificado, afirma que, em alguns dias, a movimentação é tão grande que fica difícil estacionar. Mas, diz ele, a circulação já foi maior. Quem também observa a queda na circulação de

peças são os comerciantes.

Os moradores mais antigos contam que até o início da década de 1970, havia poucas barracas de comércio na região. Hoje, vários estabelecimentos pequenos vivem das refeições e dos salgadinhos vendidos, principalmente, para os acompanhantes dos pacientes do Couto Maia.

Depois que ficou desempregado, Antônio Valdo, 47, resolveu investir as economias em uma pequena lanchonete. Comprou o estabelecimento em maio, quase em frente ao hospital, e passou a servir almoço e lanches. No início, tudo deu certo.

"Só que o movimento caiu bastante nas últimas semanas. Eu servia 16 refeições por dia, hoje não conseguimos vender nem dez. Isso começou depois do início da Copa e das festas juninas. Agora, com a notícia da mudança do hospital, ficamos ainda mais preocupados. Dependemos dele para sobreviver", diz.

Apesar dos 165 anos de história, o prédio que abrigou o Couto Maia não é tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), nem pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac).

*COM SUPERVISÃO DAS EDITORAS MARIANA RIOS E CLARISSA PACHECO

EM 165 ANOS

1852 O hospital teve várias denominações. Quando ainda estava sendo estruturado, em 1852, o médico Tito Adrião Rebelho o chamou de Hospício dos Bentos em Mont-Serrat. No documento de fundação, em 1853, o presidente da província o batizou de Hospital de Mont-Serrat.

9 de abril de 1853 Criação do Hospital de Isolamento de Mont-Serrat (HIMS), atual Hospital Couto Maia, pelo presidente da Província da Bahia João Maurício Wanderley com o objetivo de tratar, principalmente, os marinheiros afetados pela febre amarela.

7 de julho de 1904 Peste bubônica foi reconhecida na cidade de Salvador. Foi necessário estabelecer enfermarias para acolher os contaminados. Foi nesse contexto que, em 1904, instalou-se, na Hospedaria de Imigrantes, na Baixa de Mont-Serrat, uma enfermaria de emergência para os pestilentos, sob a responsabilidade do médico Augusto de Couto Maia.

1905 Novo surto de peste bubônica. Couto Maia continua na direção da enfermaria até 1912, quando foi nomeado diretor efetivo do HIMS, função que exerceu até março de 1936, quando se aposentou, por invalidez, devido, provavelmente, a amputação de uma perna por conta de diabetes.

1917 Epidemia de varíola tor-na o hospital insuficiente para comportar o grande número de doentes. Nota-se a necessidade de uma nova estrutura.

1º de janeiro de 1925 Obras dos cinco novos pavilhões de isolamento são entregues pelo governador Góes Calmon. Todos têm instalações de água, luz e esgoto, na parte alta de Mont-Serrat.

20 de março de 1936 O governo decretou que o Hospital de Isolamento de Mont-Serrat passaria a se chamar Hospital Couto Maia.

Epidemias O hospital foi fundamental no atendimento a pacientes em epidemias: cólera (1855), peste bubônica (1904), gripe espanhola (1918), varíola (1919) e febre tifóide (1924). Mais recentemente, recebeu pacientes com doenças como chikungunya (2014) e zika (2015).

Fonte: Artigo Hospital Couto Maia: Uma Memória Histórica (1853-1936), de Maria de Fátima Lorenço

Novo Couto Maia abre em Cajazeiras

O Instituto Couto Maia (Icom) foi inaugurado na última sexta-feira, em Cajazeiras. A mudança de nome reflete a alteração no modelo de funcionamento: o Hospital Couto Maia foi construído em 1853 para ser uma unidade de isolamento; já o instituto nasce como uma unidade hospitalar que abriga um centro de estudos e pesquisa.

Ele continua especializado no tratamento de doenças infectocontagiosas. Ao todo, serão 120 leitos, com atendimentos de urgência e emergência, um Centro de Referência para Imunobiológicos Especiais (Crie), uma agência transfusional e serviço de reabilitação e logística. A obra custou R\$ 120 milhões, resultado de uma parceria público-privada (PPP).

O prédio do Icom ainda não tem licença para funcionar. A Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur) informou que o lugar recebeu alvará de construção em outubro de 2013, mas que só foi dada entrada no "Habite-se" no último dia 21 de junho.

Antes da liberação, diz a Sedur, é preciso que se conclua "uma última modificação solicitada fruto de alterações efetuadas quando da construção, assim como do licenciamento ambiental". Já a Sesab informou que "toda a documentação necessária para o 'Habite-se' foi encaminhada em tempo hábil para a prefeitura de Salvador". A unidade está pronta há cerca de um mês.

Agora, serão 1.043 profissionais - 25% a mais que o quadro de funcionários do prédio antigo. Anualmente, eram realizados 1,2 mil internamentos; 77.097 atendimentos ambulatoriais e pronto atendimento; 157.242 exames laboratoriais e 31.330 vacinas. A quantidade de pacientes internados atualmente, no entanto, é desconhecida pela Sesab.

O novo pronto atendimento também passa a funcionar hoje. Já o antigo prédio passará por reforma. A intervenção readequará o perfil, que passará a ser de longa permanência. A secretaria não informou quando a intervenção começa nem como irá funcionar.